



AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM O ESPECTRO AUTISTA

Silvana Pereira Rocha dos Santos¹
Silvia Maria dos Santos Sterling²

RESUMO

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) é uma condição geral para desordens do desenvolvimento cerebral, a pessoa pode ser acometida por essa doença antes, durante ou após o nascimento, por consequência, o sujeito apresenta dificuldades relacionadas à interação com outras pessoas e manifesta comportamentos repetitivos como sacudir frequentemente as mãos. Este estudo tem o objetivo de caracterizar as dificuldades encontradas por crianças, pais, professores e escola no atendimento aos alunos que apresentam autismo. Sobre a perspectiva do processo de inclusão, de forma a evidenciar as dificuldades de aprendizagens e refletir sobre o papel e desempenho do professor na vida escolar desses discentes. O percurso metodológico trata-se de uma pesquisa qualitativa, documental, de revisão bibliográfica da literatura, por meio de observação e entrevistas com professores e alunos diagnosticados com TEA. O referencial teórico é baseado nas seguintes temáticas: o espectro autista combinado por uma diversidade de síndromes com duas particularidades em comuns; a problemática na interação social e movimentos repetitivos. Diversos estudos, colocam a dificuldade na comunicação do autista como uma das grandes causas do isolamento social da criança, como se ela vivesse em um mundo à parte. Nas Diretrizes Nacionais para a Educação Básica é determinado que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas a organização para o atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições para uma educação de qualidade para todos.

Palavras-chave: Espectro Autista. Inclusão Escolar. Dificuldades. Ensino Especial.

INTRODUÇÃO

Um distúrbio que tem apresentado crescente número de diagnósticos é o autismo, que se trata de uma condição de saúde caracterizada por déficit na interação social, comunicação e comportamento na contemporaneidade. O modo complexo com que se dão as relações, está bastante evidente, tanto no contexto social, quanto familiar, ou seja, os problemas do desenvolvimento humano e das relações entre indivíduos são cada vez mais comuns.

Diante deste cenário, com a evolução do acesso às informações e do processo científico, no que diz respeito às relações humanas, também ocorreram evoluções nos estudos sobre os

¹ Graduada em Pedagogia, Especialista em Educação Inclusiva, Neuropsicopedagogia, Gestão escolar. Atualmente é mestranda na Universidade Saint Alcuin – Chile, profsantossilvana@hotmail.com

² Doutora em Educação, orientadora deste trabalho e membro e orientadora na Universidade Saint Alcuin – Chile, silvia.stering@ifmt.edu.br



diagnósticos de transtornos de neurodesenvolvimento, que são caracterizados por variações na comunicação e interação social, como também nos padrões restritivos e repetitivos de comportamento (MARFINATI; ABRÃO, 2011).

De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU (2012), estima-se que aproximadamente um por cento da população mundial pode ter algum nível de autismo. Para o Brasil, não existem estatísticas oficiais, o único estudo piloto foi desenvolvido por Ribeiro, Mercadante; Van der Gaag; Schwartzman (2006) para cidade de Atibaia, no interior de São Paulo, em que os resultados mostraram um autista para cada 367 crianças, entretanto, a pesquisa enfrentou muitas limitações, por ter sido analisada através de uma amostra pequena, que foi em um bairro de apenas 20 mil habitantes.

Nos últimos anos ocorreram um aumento visível nos diagnósticos de Autismo no Brasil, conseqüentemente, a procura por um atendimento especializado aumentou. Dentre os novos desafios existentes, um dos que se destacam é a grande dificuldade de inserção destas crianças no ambiente escolar, devido às dificuldades de aprendizagem que elas apresentam. Toda criança autista enfrenta diversas dificuldades para inserção no padrão convencional de desenvolvimento educacional.

O desenvolvimento educacional durante a infância é de extrema importância para a formação de qualquer indivíduo. Quando se aborda os desafios da escola no enfrentamento da inclusão escolar, o desenvolvimento social de alunos especiais é um desafio evidente e relevante.

Um processo de mudança no contexto escolar, onde a inclusão social é realizada de modo eficiente, causa relevante impacto sobre a formação de alunos especiais. Os desafios que crianças com Autismo enfrentam com o distanciamento social e suas dificuldades de relacionamentos é um dos desafios da escola, quando quer tornar esta criança participante e efetiva no desenvolvimento dentro do ambiente escolar.

Compreender as necessidades e verificar as peculiaridades de cada estudante, respeitando seus limites, desafiando e instigando seu potencial é uma das formas de gerar interação e socialização do estudante. Entretanto, crianças com espectro autista apresentam multidiferenças, sendo na maioria das vezes desafiador para o professor que lida com este aluno, pois nem sempre está preparado.

A relação com crianças autistas é baseada no respeito a individualidade de cada uma delas, compreendendo que por vezes, ela estará fora da realidade escolar, mas deve-se levar



esta criança a compreender que aquele ambiente é seguro, amigável e disponível para atender suas necessidades.

Resolver problemas como a inclusão de crianças especiais no contexto escolar, gera a quebra de preconceitos e esclarece para as demais crianças a igualdade entre as pessoas, mesmo que estas sejam, de alguma forma, diferentes. Gerando assim, um ambiente tolerante, responsável e inclusivo.

Portanto, o objetivo principal da pesquisa consistiu em identificar como o docente define o contexto profissional de estrutura laboral para o trabalho com crianças com Espectro Autista, como também caracterizar esse espectro, discutir a importância do trabalho de intervenção pedagógica que pode ser realizado com o aluno e identificar o processo de acolhimento, pela perspectiva do docente.

Para tanto, buscou-se considerar a perspectiva do professor quanto aos desafios da infraestrutura laboral do ambiente escolar, para atender os alunos especiais e se os docentes recebem formação continuada adequada para este cenário.

Diante do exposto, um grande problema evidenciado pelos especialistas é que crianças autistas, quando chegam na fase de alfabetização, tendem a apresentar alto grau de dificuldades de aprendizagem, mostrando ser um processo extremamente complexo e doloroso para a criança e para os pais. A dificuldade de acesso à leitura e escrita, com métodos tradicionais, acabam limitando a evolução destes pacientes, dessa maneira não promovem a aprendizagem de modo adequado.

METODOLOGIA

A fim de atender aos objetivos propostos para esta investigação, adotamos a pesquisa de natureza qualitativa. De acordo com os autores Gerhardt; Silveira (2009) e Bogdan; Biklen (1994), a metodologia científica é a forma pela qual os métodos são empregados na ciência, sendo basicamente um conjunto de dados e um sistema de operações ordenadas, adequado para a estruturação de uma pesquisa, a fim de tirar conclusões de tais dados.

A pesquisa apresentou dois tipos metodológicos, a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica. Quanto aos meios, a pesquisa caracterizou-se, inicialmente, com um estudo de natureza bibliográfica que incluiu o levantamento e análises das principais referências teóricas que serviram de embasamento para entendimento do assunto abordado.



Considerou-se também, a pesquisa de campo, que caracteriza-se pelas investigações em que além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto as pessoas. Nos resultados obtidos na primeira etapa da pesquisa bibliográfica, pôde-se verificar e comparar os dados obtidos a partir da base teórica com os resultados da análise de dados coletados, por meio de pesquisa de campo.

A análise dos dados foi realizada mediante a aplicação de um questionário ao objeto de pesquisa, para obter as informações necessárias e responder a proposta de problema de pesquisa. O estudo foi aplicado na Escola Municipal de Educação Básica Lizamara Aparecida Oliva de Almeida, no município de Sinop-MT. Escola que realiza a oferta do Ensino Fundamental aos anos iniciais. Além do ensino regular, a escola também trabalha com as modalidades de ensino em educação especial, que compreendeu o tema da pesquisa.

AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM O ESPECTRO AUTISTA

Como mecanismo de obtenção de informações e opiniões, os questionários apresentam várias vantagens quando comparados a outras ferramentas de avaliação. As principais vantagens dos questionários estão resumidas nos pontos a seguir.

Em geral, os questionários são mecanismos eficazes para a coleta eficiente de certos tipos de informações, o que foi válido para obtenção dos resultados desta pesquisa, que buscou obter informações acerca do ensino e aprendizagem de crianças com diagnóstico do espectro autista na visão dos docentes da educação básica.

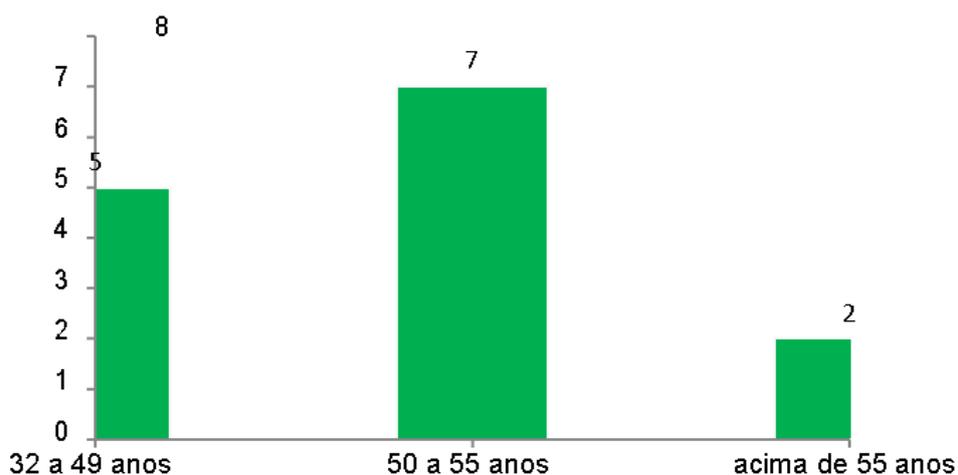
De acordo com Marconi e Lakatos (2007), a primeira vantagem dos questionários é que os mesmos permitem que os entrevistados tenham tempo para considerar suas respostas cuidadosamente, sem interferência, por exemplo, do entrevistador. A segunda vantagem refere-se ao custo, é possível fornecer questionários para um grande número de pessoas simultaneamente.

Outra característica vantajosa é a uniformidade, pois cada entrevistado recebe o mesmo conjunto de perguntas, pode abordar um grande número de questões e de interesse de maneira relativamente eficiente, com a possibilidade de uma alta taxa de resposta. Eles também permitem o anonimato. Geralmente, argumenta-se que o anonimato aumenta a taxa de resposta e pode aumentar a probabilidade de refletirem opiniões genuínas.



A análise das características básicas dos 14 docentes que responderam aos questionários da pesquisa é apresentada através dos gráficos abaixo. Quanto à questão relacionada ao gênero, obtiveram-se 13 docentes do sexo feminino e apenas um do sexo masculino, o que é muito comum no ensino da educação básica no Brasil. O gráfico 01 representa a distribuição dos docentes por faixa etária.

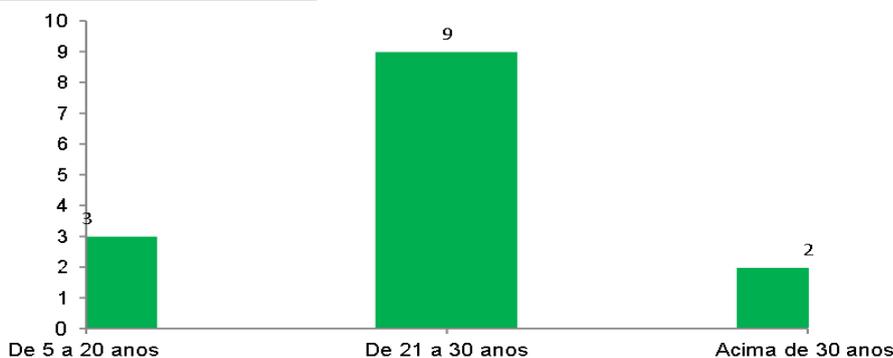
Gráfico 1 – Distribuição por faixa etária dos docentes que responderam os questionários da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A maior parte dos docentes está na faixa etária entre 50 e 55 anos (7 docentes participantes), seguido de pessoas entre 32 a 49 anos (5 docentes participantes). Entre os pesquisados houve a percepção de que são pessoas com um maior nível de experiência. Isto é mais evidenciado, através do gráfico 2 que mostra o tempo de regência dos docentes.

Gráfico 2 – Distribuição por tempo de Regência dos docentes que responderam os questionários da pesquisa.



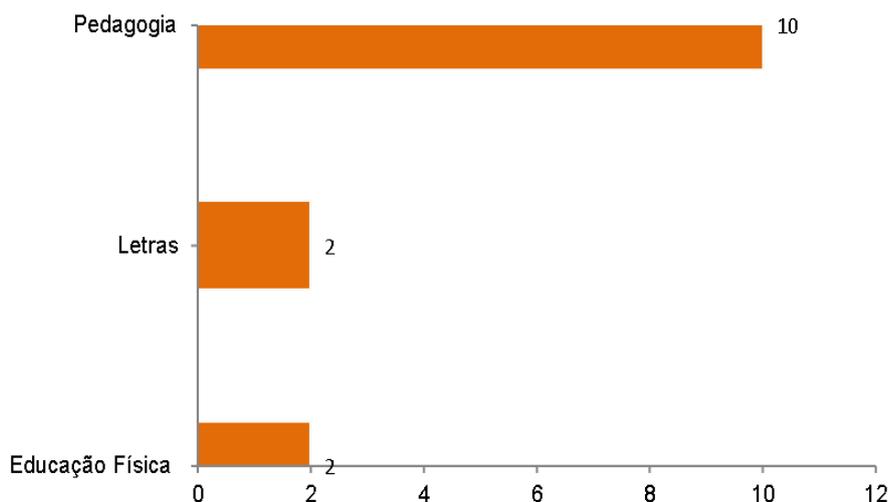
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.



Conforme mostrado no gráfico 2, dentre os 14 entrevistados, 09 docentes apresentam experiência em regência que compreende a faixa de 21 a 30 anos; 2 acima de 30 anos, ou seja, tem-se que 11 docentes tem mais de 20 anos de experiência em sala de aula.

Dentre estes, o gráfico 3 mostra as áreas de atuação dos docentes.

Gráfico 3 – Distribuição por área de formação dos docentes que responderam os questionários da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

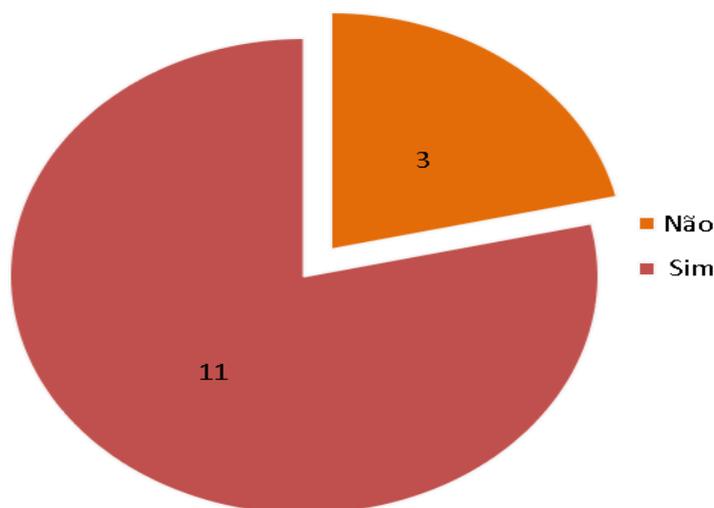
A maior parte dos professores entrevistados são pedagogos, o que era esperado, pois é a especialidade mais recorrente no Brasil para atender a educação básica, assim como de outras especialidades como a Educação Física, por exemplo, como importante fator para o desenvolvimento, tanto físico, como também nas dificuldades de socialização e limitações de locomoção.

Esta área pode proporcionar novas experiências e crescimento para a criança com Espectro Autista. Tem-se, ainda que, a escola tem a sua disposição, professores com formação em letras, atuando na educação básica, o que não é muito usual no ensino para essa faixa etária.

Um dos importantes questionamentos que foi levantado nesta primeira etapa do questionário foi se o docente já havia tido contato com crianças que têm Transtorno de Espectro Autista. O gráfico 4 mostra a distribuição dos docentes que obtiveram ou não contato no âmbito escolar ao longo de sua carreira com aluno nessas condições especiais.



Gráfico 4 – Relativo ao fato do professor ter contato com aluno com transtorno de espectro autista.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O gráfico 4 mostra que a maior parte dos docentes já teve experiência de trabalhar com aluno portador de Transtorno de Espectro Autista, os três que afirmaram não terem tido contato, são todos Pedagogos e apresentam acima de 20 anos de regência.

No que diz respeito ao questionamento aos docentes, se os mesmos trabalhavam com crianças do TEA e sobre o período de tempo, as respostas variaram de 11 meses e mais de 10 anos.

Vale lembrar que, esse tempo de trabalho são apenas números e não são capazes de determinar as formas adequadas de trabalho, sendo múltiplas as subjetividades a serem consideradas neste contexto. Martinez e Tacca (2011), dão conta de que existe a ausência da teoria das emoções e um domínio racionalista que não fazem parte da realidade das pessoas carentes de necessidades especiais.

É possível notar, logo a seguir, no relato dos professores, que há uma diversidade na maneira com que eles encaram esse trabalho, qual o nível de preparo de cada um e qual é a visão geral da instituição sobre esse tema.



AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM O ESPECTRO AUTISTA

Em relação aos resultados encontrados a partir da aplicação do questionário para os docentes serão apresentados uma análise de características básicas dos docentes e posteriormente será realizada a análise com base nas respostas dos docentes através das questões abertas do trabalho.

A segunda etapa dos questionários buscou compreender a percepção dos professores frente aos desafios estruturais e educacionais da inclusão de crianças com transtorno do espectro autista nas escolas regulares. Diante disto, o primeiro questionamento foi sobre a percepção dos docentes sobre o que é transtorno de espectro autista. Perguntado se ele trabalha com currículo alternativo para os alunos autistas e como ele vê o desenvolvimento deste trabalho, o “Professor A” respondeu: “trabalho, tendo em vista que não há modo específico”. No caso desse professor, pode se detectar uma importante falha no sistema de ensino para os alunos do TEA. Pois devemos estar cientes que é necessário:

Reconhecer os núcleos primários e os secundários para fins educacionais, significa estudá-los, em conexão com os mecanismos compensatórios constituídos pelo aluno. Esse reconhecimento não implica criar espaços homogêneos no ensino, mas, sim, construir processos de ensino, com objetivos, recursos e estratégias diversificadas, para que seja possível atender às necessidades dos alunos com carências educativas especiais (MARTINEZ; TACCA, 2011, p. 112).

Portanto, fica explícito, pelo menos em parte, que o Estado brasileiro trata com desdém essa sua missão de minimizar os efeitos de carências educacionais, para que a sociedade possa se desenvolver e crescer enquanto nação soberana.

Entre várias outras perguntas, foi dirigido ao “Professor B”, a seguinte indagação: “você se sente preparado para trabalhar com portadores do TEA?”

R. “não. Procuo adaptar de acordo com os alunos e suas necessidades que vão surgindo, mas, devido a vários fatores tudo fica difícil”.

É sabido, em qualquer ambiente onde se trabalha com a educação que existem vários fatores que influenciam no resultado negativo para o desenvolvimento de trabalhos com alunos, ainda mais com os especiais, porém pelo que se viu na pesquisa, mais especificamente no questionário, foi a falta de preparo de docentes para essa função. Porém, um dos fatores que mais influenciam para que a inclusão seja efetiva é a formação de docentes para esse trabalho específico (SANTOS, 2006).



Uma importante pergunta foi dirigida ao “Professor C”:

“Como a escola contribui para que haja, realmente, um processo de inclusão dos Alunos TEA”?

R. “Não. A escola não interage, nem sequer pergunta como vão os trabalhos. Tudo fica a cargo dos professores”.

As escolas no contexto do ensino/aprendizagem, estão subordinadas ao Estado, tanto as escolas particulares, em uma proporção menor, como as públicas, em sua totalidade, portanto, toda e qualquer melhoria deve advir dos governos e devem também, estarem inseridas nos programas (PP) de ensino que são elaborados pelo próprio Estado. Todavia, existe um processo de subordinação de uma mente a outra, ou mais precisamente do controle do Estado, que propõe sempre o mínimo de investimento na educação de base e essa prática acaba por se tornar a tônica do ensino.

Há que se entender que:

Essa prática escolar sustenta-se, por sua vez, na crença da subordinação de uma inteligência a outra, a qual Rancière (2004), denomina de embrutecimento humano. [...] que afirma existir duas inteligências, uma que retém o conhecimento, repetindo-o empiricamente, e a outra, a superior, que transmite o conhecimento, e se o outro aprendeu ou não (MARTINEZ ; TACCA, 2011, p. 39).

Nota-se, portanto, que tudo se subordina a uma relação de poder. Cabe, via de regra, a cada um, o interesse na prática do ensino para os alunos TEA. Porém, não se pode relegar apenas aos docentes essa missão, mas, seria necessária uma mudança radical em todo o sistema de ensino.

Observou-se, também, um certo improviso nas respostas. Quando o “Professor C” é indagado:

Quais as medidas e materiais pedagógicos são utilizados para se praticar o ensino para os alunos TEA?

R. “Os trabalhos são produzidos, cotidianamente, com adaptações, enfocando as atividades desafiadoras e possíveis de serem realizadas pelos mesmos, nem além nem além das suas possibilidades”.

A impressão que fica, com essa resposta, é que está delimitada a capacidade desses alunos, ou seja, de onde saem e até aonde vão. Porém, os estudos sobre essas crianças, não delimitam as suas capacidades e são espantosamente descobertas pela ciência, que podem ir muito mais além do que imaginamos. Por isso não é tratada pela ciência, como uma deficiência, mas, como um espectro, que não deixa de ser um transtorno mental, porém,



inclui uma variedade de condições associantes, que não nos deixa determinar um caminho específico para o seu comportamento, nem aonde podem chegar.

Esse autor faz uma breve análise desse espectro:

Para os autistas foi escolhido realizar estudos, que também são estigmatizados, reunido, assim, por sua condição, duplo laço provocador de espanto, ao constatar que ali está inserido o sentimento que impregna todas as relações daqueles que o concebem para si mesmo, como prova científica imposta aos outros e não a prova científica para os outros (KLINTOWITZ, 2001, p.35)

Entende-se, pelo texto acima, que não é razoável julgar-se um “entendedor” desse espectro, mas sim, um aprendiz orientador de alunos.

Tendo em vista o desafio que se constitui esse trabalho, pôde se notar que o ensino, pelo menos até onde se pesquisou, está deveras, carente de atenção. Quando perguntado, ao “Professor C”, se a escola dispunha de material específico para trabalhar com os alunos TEA, ele respondeu:

R. “Não. Estamos sempre construindo materiais, no momento está faltando até material básico para a implementação dos estudos”.

Visto por esse prisma, pode se constatar o tamanho da lacuna que aparece no sistema, quanto à busca da otimização tão necessária.

Seguindo a pesquisa, as mesmas perguntas que foram feitas para o “Professor C”, foram feitas para o “Professor D” e quase todas as respostas foram com apenas um advérbio de negação. O que deixa claro que a instituição não está levando em conta a relevância desse trabalho de educação para crianças TEA, como deveria levar ou a visão do docente aparece distorcida da realidade. A pergunta que ele responde efetivamente é sobre os materiais que são usados e os métodos de condução dos trabalhos, que a resposta é dada de modo satisfatório.

Perguntado quais as medidas e procedimentos pedagógicos você utiliza para o ensino de alunos do TEA, o professor respondeu:

R. “Procuro atividades em que o aluno possa interagir com o seu grupo”.

Nota-se um vazio nas respostas desse docente, o que se torna um assunto preocupante, já que essa questão é extremamente relevante no contexto da educação pública no Brasil.

As respostas fracas de conteúdo, dada pelos docentes, ou se caracteriza como descaso pessoal pelo assunto, ou pelo pouco caso que se dá, por parte dos que elaboram as leis que regem o ensino/aprendizagem, sendo perceptível durante essa pesquisa. Espera-se uma



escola dinâmica, engajada nas causas dessas crianças, já que o país tem um número expressivo de pessoas envolvidas, direta ou indiretamente nesse assunto. As escolas esperam do governo, as famílias esperam da escola, a escola espera dos professores e os professores esperam de quem?

Existe, nesse contexto, a necessidade de se sair do lugar comum e trabalhar a criatividade no seu ponto máximo, para que se possa colher algum fruto bom dessa seara. É bem possível que essa criatividade venha a facilitar os trabalhos, já que parece que, por falha do Estado, não se promove um verdadeiro e eficiente ensino inclusivo.

Vejamos a importância que isso tem:

No caso de alunos com necessidades especiais, as atividades extras incorporadas ao currículo escolar tem um papel fundamental para a constituição subjetiva do grupo para a definição dos espaços subjetivos de cada um dos alunos como singularidade. Essas atividades devem mudar de acordo com a idade e o tipo da deficiência. Em alunos do ensino fundamental, a narração de histórias, as atividades com fantoches e o jogo são fundamentais e todas elas podem ser organizadas tendo como apoio os próprios conteúdos que o aluno está aprendendo nesse momento. “A organização dessas atividades é uma tarefa extremamente profissional e criativa da equipe dos professores|” (MARTINEZ; TACCA, 2011, p. 63).

No caso específico dos alunos autistas, os docentes terão que se preparar para uma função, cuja atenção e cuidado, desprendimento e amor estejam alinhados. Sabe-se que não existe nenhuma receita pronta para que se ensine crianças e adolescentes com o Espectro do Transtorno Autista. Isso é fato, porém, há que se desenvolver fórmulas e conteúdos específicos para essa atividade. Os diagnósticos, segundo pesquisadores, são múltiplos, não é como cegueira e surdez, por exemplo, em que na maioria das vezes, o processo de ensino se dá de igual modo para todos.

Há que se ter a consciência de que nesse contexto de ensino/aprendizagem, o que dá certo para uma criança, pode dar errado para outra. No entanto, o professor terá apenas de ser criativo e promover uma possível aproximação com o aluno e usar essa criatividade em favor de todo grupo. A escola também terá que mudar a sua maneira de fazer e de pensar a educação, diante de um desafio tão importante como esse.

Em referência ao quadro que se apresentou no questionário feito na pesquisa de campo, pudemos notar necessidades básicas dos professores que trabalham com alunos TEA, podendo ser notado pelo teor de suas respostas, que tudo o que se pensa, ou pelo menos



quase tudo, como ferramentas para um trabalho eficiente com essas crianças está por ser feito. Por exemplo, ao “Professor E” foi feita a pergunta:

“Você tem acesso a materiais específicos para o desenvolvimento dos trabalhos com alunos TEA?”

A resposta foi um simples e decisivo “não”. Ao mesmo professor foi perguntado:

“De que forma a escola contribui para que haja inclusão dos alunos TEA?”

R. “facilitando a interação”.

Ora, se essa não for a priori em relação a função da escola, qual seria então? O papel da escola, além de facilitar essa inclusão é promovê-la de modo competente e profissional, também é de notá-las como crianças carregadas de sensibilidades. É claro que a maioria dos docentes foi capaz de expor as principais características de crianças com Transtorno de Espectro Autista, ou seja, dificuldade de comunicação e comprometimento na interação social destas crianças.

Por exemplo, o “Professor F”, ao ser indagado:

Defina o que é TEA e suas principais características:

R. “Transtorno de desenvolvimento grave, que prejudica a capacidade de a criança se comunicar e interagir com as outras.”

Ao mesmo professor foi perguntado: “Há quanto tempo você trabalha com crianças autistas?”

R. “Durante todo o percurso da regência”.

Perguntado sobre qual a principal carência que ele via, que o impedia de fazer um trabalho de excelência, já que se tratava de uma pessoa experiente na área, a resposta foi:

R. TEA, podendo ser notado pelo teor de suas respostas, que tudo o que se pensa ou pelo menos quase tudo, como ferramentas para um trabalho eficiente com essas crianças está por ser feito. Por exemplo, ao “Professor E” foi feita a pergunta:

“Você tem acesso a materiais específicos para o desenvolvimento dos trabalhos com alunos TEA?”

A resposta foi um simples e decisivo “não”. Ao mesmo professor foi perguntado:

“De que forma a escola contribui para que haja inclusão dos alunos TEA?”

R. “Facilitando a interação”.

Ora, se essa não for a priori em relação a função da escola, qual seria então? O papel da escola, além de facilitar essa inclusão e promovê-la de modo competente e profissional, também é de notá-las como crianças carregadas de sensibilidades e seres humanos. É claro que a maioria



dos docentes foi capaz de expor as principais características de crianças com Transtorno de Espectro Autista, ou seja, dificuldade de comunicação e comprometimento na interação social destas crianças.

Por exemplo, o “Professor F”, ao ser indagado: Defina o que é TEA e suas principais características:

R. “Transtorno de desenvolvimento grave, que prejudica a capacidade de a criança se comunicar e interagir com as outras.”

Ao mesmo professor foi perguntado: “Há quanto tempo você trabalha com crianças autistas?”

R. “Durante todo o percurso da regência”

Perguntado sobre qual a principal carência que ele via, que o impedia de fazer um trabalho de excelência, já que se tratava de uma pessoa experiente na área, a resposta foi:

Há que se destacar que é exatamente nesse ponto que entra a função da escola. Os esforços com alunos especiais devem ser dobrados, já que a sua função é formar o cidadão, independente das condições psicológicas que ele apresenta. É claro que existem limites de atuação, porém, os esforços devem ser mais concentrados nessas pessoas, uma vez que as outras na maioria das vezes, dão conta de si mesmas.

Esse texto pode ser esclarecedor:

O que podemos afirmar, com base em Vigotski é que é, justamente quando a criança apresenta uma deficiência biológica, e por isso tem dificuldades na elaboração de fórmulas complexas do pensamento, que a escola deveria empenhar mais esforços para desenvolver nela o que já está faltando em seu próprio desenvolvimento. (MARTINEZ; TACCA, 2011, p. 74).

Embora sejam os professores, praticamente os protagonistas desse drama, as responsabilidades maiores recaem sobre a escola, uma vez que cabe a elas a escolha e a preparação desses profissionais, para essa tão relevante tarefa que envolve toda a sociedade representada pelas suas famílias.

A qualificação específica, claro, sempre ficará por conta dos profissionais da educação, cada um escolhe a sua especialidade, no entanto, cabe a instituição de ensino fazer um filtro que detecte o mínimo de capacidade de cada um ao exercer os trabalhos educacionais.

Importante se faz destacar que quando os professores foram questionados sobre os principais desafios que eles tinham no ensino/aprendizagem de alunos com TEA em sala de aula, as respostas da grande maioria dos docentes foi que acreditam ser o maior desafio, a falta de qualificação necessária para atender essa clientela de estudantes. De acordo com os



professores entrevistados na pesquisa é necessário “recurso para a escola desenvolver o trabalho, material e formação adequada para o professor”.

Este processo é também desafiador, pois dado ao fato de que a maior parte destes docentes não obtiveram nenhum treinamento adequado para lidar com crianças portadoras de necessidades especiais, o que dificulta muito o processo de aprendizagem e inclusão, tanto por parte do docente quanto por parte do aluno, segundo relato dos mesmos.

Isto fica mais evidente no questionamento a seguir que perguntou-se aos professores se receberam ou recebem alguma formação, teórica ou prática, sobre como trabalhar com alunos (TEA) em sala de aula. A maior parte afirma não receber formação adequada para atendimento de crianças com necessidades especiais, particularmente nos casos de TEA que demandam questões muito específicas relacionadas a comunicação, socialização e comportamento. Em suas respostas disseram receber formação continuada pela escola que não contempla a capacitação de como trabalhar com aluno autista.

Este é um desafio para as secretarias de educação, devido à falta de treinamento para que o professor também se sinta preparado para atender as necessidades básicas que este aluno demanda em sala de aula.

Diante desse cenário, percebe-se que apenas três entre quatorze entrevistados se sentem preparados para lidar com crianças especiais em sala de aula, e os que se sentem preparados afirmam que foi devido a dedicação em cursos e estudos especializados para a área.

Mesmo assim, sabe-se que a realidade de inserção é outra, por vezes os professores precisam por conta própria e com ajuda da escola e outros professores, adquirir os métodos e as ferramentas a serem aplicadas em sala de aula, a fim de minimizar a falta de qualificação específica.

Os professores buscam ferramentas que levam os alunos a interagirem em sala de aula, discutindo as questões sociais, pois é exatamente nessas questões que residem as fragilidades dos autistas, por vezes, esta falta de sociabilidade afeta relativamente seu desenvolvimento.

Portanto, entende-se que um ambiente saudável em que se preocupa com a interação destes alunos, mesmo com todas as suas limitações e barreiras, é um ambiente sadio e propício para o bom desenvolvimento desta criança. Muitas vezes, a própria escola e o sistema público limita este bom desempenho.

De acordo com Berlin (1981), para ensinar a linguagem é necessário a utilização de livros com imagens, letras grandes que permita os alunos a criarem palavras. Para o desenvolvimento motor são necessários jogos em grupo, atividades de arte, música, orientação



espacial e esportes e por fim, para o entendimento matemático é fundamental atividades baseadas nos interesses, por exemplo, a proposição de pequenas tarefas, utilizar o concreto e o lúdico e também, prestigiar os vínculos afetivos.

E mesmo sem treinamento, material adequado e estrutura, a maior parte das escolas estão interessadas em dar o suporte necessário e se estruturar a fim de construir um ambiente harmonioso e adequado, tanto do ponto de vista do professor, quanto ao do aluno. Mas sabe-se que muito depende da motivação e empenho, muitas vezes pessoas do grupo docente, em lidar com os desafios da profissão. Isto requer atitudes diferentes para trabalhar o desenvolvimento da escrita e leitura adequada para estes alunos. E um destes fatores que mais limitam o desenvolvimento de crianças com TEA no processo de leitura são as dificuldades de comunicação que é a principal característica presente em todos os tipos de autismo.

Perante isto, os docentes evidenciaram que este é um dos grandes desafios para atender a necessidade dos alunos. A comunicação verbal e não verbal é algo que é muito comprometido pela TEA, o que dificulta a evolução dos demais processos educacionais. Por isto, é importante que as secretarias de educação, juntamente com cada escola, obtenham uma estrutura pedagógica interdisciplinar para atender as crianças com TEA de modo respeitoso, digno e que traga benefícios para a formação educacional destas crianças. “No trabalho pedagógico, essa necessidade faz-se mais evidente por ser o espaço onde a inclusão se efetiva” (MARTÍNEZ, 1997, p. 74).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal identificar como o docente define o contexto profissional de estrutura laboral para o trabalho com crianças com espectro autista, além de buscar caracterizar o espectro autista, discutir a importância do trabalho de intervenção pedagógica que pode ser realizado com o aluno autista e identificar o processo de acolhimento pela perspectiva do docente.

Como mostrado anteriormente, o Transtorno do Espectro Autista é uma deficiência que pode afetar o indivíduo e comprometer seu desenvolvimento, sendo o processo de inclusão escolar fundamental para o bom desenvolvimento e para que este indivíduo seja incluso socialmente de modo correto.

Dificuldades na comunicação e interação social são características comumente citadas de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), conseqüentemente, o ensino de



habilidades sociais tem sido enfatizado na educação de crianças portadoras dessa necessidade especial. Inúmeras intervenções e abordagens pedagógicas foram disponibilizadas para apoiar a aquisição de habilidades de comunicação e interação social na escola, extremamente necessárias para a educação.

Abordagens de desenvolvimento ou baseadas em relacionamentos normalmente enfatizam a importância do estilo de interação do adulto no aprimoramento das habilidades de comunicação social das crianças. Por exemplo, os adultos são incentivados a responder a todas as tentativas das crianças de se comunicar. Por outro lado, abordagens comportamentais ou naturalistas visam ensinar uma criança com uma habilidade específica, sendo o papel do adulto fornecer a orientação necessária.

A participação familiar também é uma questão importante a ser considerada nesta relação de inclusão. O desenvolvimento educacional durante a infância é de extrema importância para a formação de qualquer indivíduo. Quando se aborda sobre os desafios da escola no enfrentamento da inclusão escolar, e, conseqüentemente, social de alunos especiais é um desafio cada vez mais evidente e relevante.

Existe a necessidade de uma interação entre família, escola, professores, e políticas públicas que possam propiciar a inclusão, através das garantias básicas de um cidadão de obter educação, como também qualificando os professores e preparando a estrutura escolar para atender as necessidades de qualquer cidadão, seja com limitações ou não.

A relação família e escola é de grande importância para o trabalho inclusivo, através de tal relacionamento é possível promover qualidade na inclusão, pois a comunicação da família junto à escola vem só a contribuir para o processo social dentro desses dois ambientes em conjunto.

Diante do exposto, foi possível verificar através de um questionário aplicado para docentes da Escola Municipal Lizamara A. O. Almeida em Sinop – MT, sobre o processo de inclusão de alunos com autismo na rede regular de ensino. Os resultados evidenciaram que de modo geral, a maior parte dos docentes foi capaz de caracterizar as principais características de crianças com Transtorno de Espectro Autista, ou seja, dificuldade de comunicação e comprometendo a interação social destas crianças.

O estudo sobre o autismo possibilitou um melhor entendimento desde sua história até as características do comportamento do indivíduo autista, visto que é um transtorno que abrange complexidade em todos os âmbitos sociais, principalmente no escolar.



A pesquisa demonstrou que em geral os professores compreendem a importância do processo de inclusão das crianças com necessidades especiais, em específico, as crianças com Transtorno de Espectro Autista que apresentam a dificuldade e limitações quanto a socialização. Ainda, foi perceptível a compreensão por parte da escola, a importância da interação com a família para que este processo seja possível e proveitoso para a criança.

Percebe-se que os docentes não acreditam estarem preparados de forma adequada para realização do processo de inclusão, sendo também que o governo deveria atuar de uma maneira mais efetiva através de políticas públicas de adequação da estrutura escolar e treinamento para os professores, que hoje não se sentem confortáveis na situação, pois não querem atender de modo despreparado a criança que merece um atendimento inclusivo e especializado.

Portanto, nesta pesquisa ficou claro que na atual conjuntura que as escolas apresentam, a estrutura escolar e os professores têm feito o possível para que a inclusão ocorra. Mas ainda existem diversos e enormes desafios a serem observados para que este processo seja realmente efetivo e adequado para professores, alunos, família e sociedade.

As escolas enfrentam um desafio complexo de incluir alunos com deficiência e, ao mesmo tempo, exigem grandes expectativas para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência e outras necessidades desafiadoras, que devem progredir anualmente em direção à proficiência, conforme definido pelos vários sistemas de responsabilidade. Os professores de educação especial devem atender aos mesmos padrões altamente qualificados que os professores de educação em geral. Os professores de alunos com TEA devem demonstrar conhecimentos apropriados ao nível de instrução necessário para ensinar efetivamente o aluno.

A estratégia de ensino é essencial para o aluno. Este estudo pode ser tomado como referência para planejar, produzir e modificar programas de treinamento para que os professores sejam equipados com conhecimento neste campo. Portanto, a formação de professores concentra-se principalmente em estratégia de ensino para que o mesmo possa lidar com todos os alunos ao mesmo tempo. Este problema deve ser abordado, assim como os materiais devem ser produzidos para que um professor possa ensinar um aluno autista com qualidade. Cursos relacionados a autismo devem ser introduzidos na formação de professores, como primeiro passo para ajudar os alunos com autismo.

As políticas públicas é a principal ponte que está faltando neste elo de aprendizagem, sendo evidente a vontade e dedicação dos professores em serem bons profissionais e fazerem o seu melhor, mas a falta de estrutura e treinamento adequado são presentes no seu cotidiano. Mas, mesmo com todas as limitações muito tem-se discutido para a inclusão e vivência de todos



alunos no contexto escolar, gerando cidadãos mais respeitosos, humanos, participativos e solidários, pois são nas diferenças que moram as maiores riquezas da humanidade.

As intervenções para crianças pequenas com TEA, devem ser projetadas para oferecer ótimas oportunidades de aprendizado, sendo individualizadas para atender as atuais características de aprendizado e desenvolvimento da criança.

Crianças com autismo apresentam aos educadores um dos seus desafios mais difíceis. Através de um exame abrangente do conhecimento científico subjacente às práticas, programas e estratégias educacionais, educar crianças com autismo pode apresentar informações valiosas para pais, administradores, gestores, pesquisadores e formuladores de políticas.

Resultados da pesquisa demonstraram que a necessidade de professores com o conhecimento e a capacidade de ensinar alunos de educação especial é mais crítica hoje do que nunca. Há um esforço nacional para tirar os alunos com deficiência do isolamento e isso significa que a maioria agora passa a maior parte de seus dias nas salas de aula de educação geral, em vez de estarem em aulas separadas de educação especial. Isso significa que os professores de educação geral estão ensinando mais alunos com deficiência e transtornos de neurodesenvolvimento. Mas ainda existe escassez de programas de treinamento e disponibilização de estratégias e materiais, sendo poucos os que têm disponíveis para preparar os professores.

Esta pesquisa sugere que há uma lacuna entre teoria e prática em sala de aula na educação para alunos com TEA, sendo uma problemática que pode ser gerenciada através de avaliações e relatórios regulares de um programa e planejamento em sala de aula. A metodologia sistemática de currículo deve ser avaliada e atualizada regularmente. Os educadores podem identificar evidências de uma nova intervenção educacional, conduzir uma avaliação, identificar programas eficazes, implementar a inovação, compartilhar e disseminar as descobertas, através de uma avaliação metódica e processos de melhoria contínua, pois melhores resultados dos alunos podem ser alcançados.

REFERÊNCIAS

BERLIN, I. **“Dois conceitos de liberdade”**. In: Quatro ensaios sobre a liberdade. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Ed., Coleção Ciências da Educação, 1994.



GERHARDT, T. E., et al. **Estrutura do projeto de pesquisa**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KLINTOWITZ, J. **Gilberto Salvador: o reino interior**. São Paulo: Fundação Cultural Gilberto Salvador, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINEZ, A. M.; TACCA, M. E. V. **Possibilidades de Aprendizagem, Ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiências**. Campinas, São Paulo: Ed. Alínea, 2011.

MARTÍNEZ, A. M. **Criatividade no Trabalho Pedagógico e Criatividade na aprendizagem: Uma realidade necessária?** In: TACCA, M.C.V.R. (org). Aprendizagem e Trabalho pedagógico. Campinas. SP: Alínea, 1997.

MARFINATI, A.C.; ABRÃO, J.L.F. O pensamento psicanalítico sobre o autismo a partir da análise da revista Estilos da Clínica. Estilos da Clínica: **Revista da infância com problemas**, v. 16, n. 1, 2011, 14-31 p.

MERCADANTE, M. T.; VAN DER GAAG, R. J.; SCHWARTZMAN, J. S. Non-Autistic Pervasive Developmental Disorders: Rett syndrome, desintegrative disorder and pervasive developmental disorder not otherwise specifi ed. **Rev Bras Psiquiatria**, v. 28, n. 1, p. 13-21, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006 e dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2012.

SANTOS, J. C. F. O desafio de promover a aprendizagem significativa. **Revista UNIABEU**, v. 20, p. 29-37, 2006. Disponível em: <http://www.juliofurtado.com.br/textodesafio.pdf> . Acesso em: 05 de set. 2020.